

A ERA DO VINTÉM¹

Maria Ivone Souza Melo

Faz tempo, queria contar para sua ternura,
essas coisas miúdas que nós entendemos.
Ah! Meu amigo e confrade...
(CORA CORALINA, 1983, p.175).

O espaço escolhido pelo “eu poético” de Cora Coralina para se libertar das coisas que lhe *engasgavam e precisavam sair*, vividas da sua infância à ancianidade, é o da “euforia da escrita”. O registro de “reminiscências” superpostas e entremeadas na “colcha de retalhos desiguais e desbotados” da sua escrita recupera percursos afetivos e históricos, mesmo que fadados à incompletude.

Para Cora Coralina, leitura, literatura e memória são fortes aliadas. Toda sua obra é fundada na reconstituição de um percurso existencial centrado na sua relação com os afetos, com o trabalho, com a linguagem, com o saber, conforme ela demonstra nestes versos retirados de cada um dos seus três livros publicados em vida². Vejamos fragmentos de sua expressão em cada um deles³:

Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores. (PBG, p.41).

Nasci numa rebaixada de serra entre serras e morros.

¹ Trata-se de um recorte da minha dissertação de mestrado, *Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina*, PPGEL-UNEB, 2011.

² Doravante, as obras de Cora Coralina citadas no texto serão representadas, respectivamente, pelas siglas: PBG: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*; MLC: *Meu livro de cordel e VdeC: Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*.

³ As citações das obras consultadas foram mantidas sem qualquer alteração ortográfica ou sintática porque a linguagem em vigor na época não apresenta prejuízo para a compreensão dos textos.

“Longe de todos os lugares”.

Numa cidade de onde levaram o ouro e deixaram as pedras.

(*MLC*, p.11).

Este livro foi escrito no tarde da vida,
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos
de uma dura caminhada.

Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos
do Rei. (*VdeC*, p.17).

Conforme podemos conferir, as manifestações de Cora Coralina, no que tange ao memorialismo, já são vistas nesses dois primeiros livros. Mas é em *VdeC*, o terceiro e último livro publicado em vida, que ela reconhece como um exemplar memorialístico e escreve:

Revivo a velha escola e agradeço, alma de joelhos, o que esta escola me deu, o que dela recebi. A ela ofereço meus livros e minhas noites festivas, meu nome literário.

Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina. (*VdeC*, p 15).

A escrita fundamentada na memória pode tomar para si algumas denominações diferentes, como: romance pessoal, autorretrato, poema autobiográfico, literatura de testemunho, diário intimista, entre outras. Mas, na essência todos esses gêneros têm como matéria a memória. O que distingue essas formas de escrita literária de outras são as marcas de inscrição do sujeito da enunciação e que também é o sujeito enunciado, como vemos no fragmento acima.

A autenticidade dessa escrita é assegurada em um “contrato” do autor consigo próprio, que supõe um compromisso íntimo e pessoal de manifestar a verdade dos fatos e dos sentimentos. Nesse sentido, a

[...] promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. (...) a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender), e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no da criação artística. (LEJEUNE, 2008, p.104).

Esse traço na escrita memorialista, assim como na autobiográfica, resulta de um acordo íntimo entre autor e leitor, denominado por Philippe Lejeune (2008) de pacto autobiográfico. Desse pacto, deriva a identificação entre autor, narrador e personagem. Os teóricos⁴ que tratam do memorialismo e da autobiografia estabelecem algumas características que diferenciam esses tipos de escrita. Esse autor concebe a autobiografia como o “[...] relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1975, p. 14).

A questão do gênero, segundo o crítico português Marcello Duarte Mathias (1997), talvez não seja o mais importante na escrita memorialística. No entanto, o uso de um e outro termo, às vezes referindo-se a textos aparentemente diferentes ou a textos que facilmente incluímos dentro de uma mesma categoria, pode gerar alguma confusão, tanto para o leitor como também para o entendimento de quem se inicia no estudo desta matéria. No ensaio intitulado “Autobiografias e diários”, o próprio autor se refere ao gênero memorialístico dizendo que dele fazem parte “[...] fundamentalmente as memórias, as autobiografias, certas correspondências e os diários, porque em todas estas expressões a memória representa o elemento primacial que lhes serve de traço comum” (MATHIAS, 1997, p.41). Por isso, acrescenta o autor, qualquer tentativa de designação da literatura autobiográfica para classificar

⁴ Aqui, referimo-nos principalmente a Philippe Lejeune (2008), *O pacto autobiográfico*; Jacques Le Goff (2003), *Memória e História*; Marcello Duarte Mathias (1997), *Autobiografia e diários*; Eduardo Portella (1995), *Problemática do memorialismo*.

um tipo de escrita cuja tônica recai sobre o relato da vida de uma pessoa feito por essa mesma pessoa, "será sempre marginal", pois a essência daquilo que as define, a simultaneidade entre autor, narrador e personagem, permanecerá questionável.

Sendo assim, que perspectiva adotar quando estamos diante de escritos que trazem um sujeito, geralmente na primeira pessoa, o qual, auxiliado pelas lembranças, se dispõe a escrever sobre si próprio ao longo de uma linha espaço-temporal, para reconstruir o percurso de uma vida?

No caso de *VdeC*, que atende aos pressupostos autobiográficos, nos reportamos a ele como uma escrita memorialística, na medida em que a sua "autora", Cora Coralina, inventa uma espécie de "metamemória" literária, a partir do próprio "discurso", e, para tanto, utiliza-se de uma linguagem lírico-narrativa, para assim se lançar às reminiscências e poder repensá-las pelos seus reversos, suas idas e vindas. E nesse balanço, repensar dores e ressentimentos, muitos dos quais esquecidos, através das falhas, dos "brancos", das lacunas de uma história pessoal, como numa claridade que "se faz em névoa e bruma" (CORA CORALINA, 1983, p. 195), nos interstícios de um tempo e um lugar historicamente datados.

Merece lembrar que os limites entre a ficção e a escrita de si são tênues e sutis, isto porque, na impossibilidade de narrar a totalidade, o autor reinventa e ficcionaliza eventos ou cenas que lhe escapam ou que ele recalca, as chamadas *verdades e mentiras* do memorialista. E também, segundo Sergio Afonso Gonçalves Alves (2006, p.79), "[a]o interpor um elemento de reinterpretação, a autobiografia se aproxima da ficção, pois já não importa a exatidão dos fatos, por vezes as datas e os lugares são negligenciados, em favor da dinâmica que a narrativa impõe". Nesse ângulo, *VdeC* se afasta da "promessa" de oferecer essa verdade ao outro (LEJEUNE, 2008), quando se embrenha pela ficção.

Vale a pena agregar as considerações de Ana Cristina Chiara (2001, p.15) sobre os limites entre o real e o ficcional:

A ficcionalização do "eu" recupera a corrente de significação entre a vida do escrito e a vida do leitor, pois

nos parece, ao ler um texto autobiográfico, que a própria vida deixa de ter o caráter descontínuo e sem se da experiência sentido imediato da experiência cotidiana, para ganhar transcendência: destino e destinação.

Embora as memórias constituam um tipo de registro, no qual o sujeito faz o relato de fatos passados da sua vida, sem desvincular a sua ligação com um determinado fio da história coletiva (HALBWACHS, 2006), ou seja, da história do seu tempo. Daí porque o sujeito tende a abordar não só os acontecimentos vividos, mas também aqueles testemunhados, que rebatem em sua vida pessoal e social. Muitos autores, contudo, consideram que essa escrita oscila “[...] ora [entre] o estatuto da ficção, ora [entre] o estatuto do relato histórico” (CHIARA, 2001, p.15), e o que mais importa é compreender que o ficcional também não desconsidera a sua “fidelidade ao referente” (CHIARA, 2001, p.9). Mais que isso, a “verdade” não é mensurável, pois se coloca no registro da subjetividade e da singularidade.

Consideramos importante pontuar algumas questões pertinentes à natureza dessa literatura voltada para as memórias, bem como ao seu contexto de produção e socialização no Brasil, especificamente a de autoria feminina, ressaltando, porém, que não é o nosso propósito penetrarmos nas questões de gênero. Nessa perspectiva, focamos aspectos da obra *VdeC*, a qual pode atender a princípios da narrativa memorialística, no caso de natureza poética, na medida em que, ao transitar entre o ficcional e o real, Cora Coralina recorre a recursos imagéticos, num sutil apelo à fantasia, ao imaginário e ao real, de tal forma que fica difícil para o leitor distinguir os limites entre essas esferas.

No caso deste trabalho, a escolha do livro *VdeC* não está rigidamente atrelada às configurações e à estrutura ou ao estilo dessas características, uma vez que os objetivos aqui reclamados não demandam esses detalhes, pois o que nos interessa poderia estar contido em qualquer um desses tipos de escrita de si. No entanto, valemo-nos desses argumentos para identificar os vestígios que remetem ao pacto (auto)biográfico em *VdeC*, o qual confere legitimidade para este estudo.

A “narrativa-épico-lírico”, (YOKOZAWA, 2005), constrói-se pela voz ora de Aninha, nome pelo qual Cora Coralina era conhecida na infância, ora pela sua própria pessoa, o “eu poético”, que evoca a própria vida: do nascimento, em 1889, com imagens da cidade de Goiás, da sua gente, da sua escola primária, de sua infância e de suas leituras, atravessando sutilmente por outras fases, até sua velhice, na década de 80 do século XX, claramente ilustrada pelos poemas:

O mandrião

Eu vestia um mandrião
recortado e costurado por mim
de uma saia velha da minha bisavó.

E como aquele mandrião me deixava feliz!... (*VdeC*, p. 25).

e

Sombras

A claridade se faz em neve e bruma.
O livro amado: o negro das letras se embaralham,
entortam as linhas paralelas.
Dançam as palavras,
a distância se faz em quebra luz. (*VdeC*, p. 195).

Carlos Drummond de Andrade⁵, referindo-se a *VdeC*, o considera “[...] moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais comunicativas que já tenho lido e amado”. A poética de Cora Coralina, em *VdeC*, parece ter alcançado a estima não só do poeta mineiro, mas também do público intelectual brasileiro. Com este livro, ela foi

⁵ Carta de Drummond a Cora Coralina, em 7 de outubro de 1983. Acervo do Museu Casa de Cora Coralina, Cidade de Goiás.

consagrada intelectual do ano de 1983, com o troféu Juca Pato⁶, concorrendo com Teotônio Vilela⁷, com seu livro *Projeto emergência*, e Gerardo Mello Mourão⁸, com *A invenção do saber*.

A poeta goiana escreveu *VdeC* em 77 poemas distribuídos em três partes, denominadas de Livro I – *Meias confissões de Aninha*, Livro II – *Ainda Aninha...* e Livro III – *Nos reinos de Goiás e outros*, antecidos por um prefácio assinado por Lena Castello Branco Ferreira Costa⁹, um texto de Carlos Drummond de Andrade (1980), uma dedicatória dirigida à Mestra Silvina, intitulada “Cântico excelso”, um prólogo e dois poemas.

A primeira edição de *VdeC* foi lançada na II Semana de Lançamentos da Universidade Federal de Goiás, em agosto de 1983, semana dedicada à autora Cora Coralina (1889-1985). Nessa ocasião, essa universidade também lhe prestou outra homenagem outorgando-lhe o título de “Doutora *Honoris Causa*”, em reconhecimento ao seu valor moral e intelectual no campo das Letras.

Boa parte dos poemas que compõem *VdeC* foi escrita nas proximidades da sua publicação: “Bem-te-vi...Bem-te-vi...” e “O Quartel de Polícia de Goiás” (1978), “Segue-me” (1980), “Aninha e suas pedras” (outubro de 1981), e outros que constam nos cadernos da autora, guardados no acervo do Museu Casa de Cora Coralina, com data de 1982. Nesse livro, percebemos traços característicos de uma escrita que se aproxima do projeto literário modernista¹⁰, por trazer uma escrita envolvida pelo *fenômeno da palavra-arte*¹¹ no que concerne tanto à estética, como, por exemplo, de uma poesia não tão

⁶ O troféu Juca Pato é um importante prêmio literário, conferido anualmente pela União Brasileira de Escritores de São Paulo, destinado a premiar o autor ou autora que tenha seu livro publicado no ano em curso.

⁷ Teotônio Brandão Vilela (1917–1983), alagoano de Viçosa. Jornalista, cronista, ensaísta, empresário e político. Autor de discursos exuberantemente libertários, de amor à terra e ao homem brasileiro. Disponível em: < <http://www.topgyn.com.br/conso01/alagoas/conso01a01.php> >. Acesso em: 3 maio 2011.

⁸ Gerardo Mello Mourão (1917- 2007), poeta cearense, escreveu obras como *Peripécias de Gerardo* (1972), vencedor do Prêmio Mário de Andrade, da Associação Paulista de Críticos de Arte, e *Invenção do mar* (1998), ganhador do Prêmio Jabuti. Um dos poucos brasileiros indicados ao Prêmio Nobel de Literatura (indicação em 1977). Disponível em: < <http://www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=384> >. Acesso em: 3 maio 2011.

⁹ Lena Castello Branco Ferreira Costa, professora titular do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás.

¹⁰ Sobre o modernismo, ver Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

¹¹ Termo usado por Bosi (1984, p. 15), ao se referir aos textos de informação que os viajantes e missionários europeus escreveram sobre a natureza e o homem brasileiro.

presa à métrica, com versos livres, como aos fatos eleitos como célebres, incluindo-se a história pessoal, a história familiar, cultural, econômica, comportamentos e transformações geradas pelo progresso, desdobrando-se em construções que promovem uma ideia regional, nacional, de um povo e uma nação do final do século XIX e início do século XX.

Tudo isso aliado aos fatos eleitos para contar a sua história de vida, conforme nos mostra Drummond, quando escreve: "Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária" (DRUMMOND DE ANDRADE, 1980, p.7).

Os escritos de *VdeC*, portanto, indicam a prática de uma escrita de cunho pessoal, vinculada ao gênero memorialístico, caminhando no compasso da escrita cotidiana, de contar o vivido no dia a dia, numa narrativa poética, sinalizando para a cautela da autora em se mostrar o mais verossímil possível, próxima dos pressupostos teóricos da escrita de si, preconizados por Lejeune (2008), embora saibamos que a ficção e o real se enlaçam, guiados pela linguagem lírica, através da qual a narradora/personagem revela-se e traz declarações, desabafos, questionamentos:

Eu me procuro no passado.

Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.

Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas,

e seu comadrio com o ninho das rolinhas.

Onde está Aninha, a inzoneira,

menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestre Silvina ...

Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?

(*VdeC*, p. 92).

Nesse anseio de retomar indícios do vivido que a ajudem a ressignificar o passado, Cora Coralina apela para o seu "eu poético", desvelando as faces mais

abrangentes e mais particulares para falar de si, de sua família e de sua cidade. Com uma escrita simples, mas com estilo singular, a poeta transforma *VdeC* numa espécie de testemunho incessante da realidade, ou seja, reescreve sua vida sob a forma de poemas, muitas vezes longos, repletos de matéria que lhe serve para compor muitas e extensas estrofes sem, contudo, prejudicar a clareza e a concatenação dos versos.

Eu brincava, rodava, virava roda,
e o antigo mandrião se enchia
e vento balão.

Aninha cantava, desentoadada, desafinada, boba que era.
Meu mandrião, vento balão, roda pião, vintém na mão.
(*VdeC*, p. 25, grifos nossos).

Na sua literatura, especificamente em *VdeC* Cora Coralina estabelece um desdobramento do sujeito e partilha com este traços evidentes que indicam uma noção de "sombra", estabelecendo uma relação de harmonia e cumplicidade entre Cora Coralina, a poeta e Aninha, a Cora criança.

Com isso, a poeta se vale da personagem Aninha, como uma espécie de "duplo". Ela insere deliberadamente a si mesma como peça da lírica, afastando-se do individualismo característico da escrita do gênero memorialístico e estabelece certo distanciamento, no qual joga com diferentes "eus": a autora expressa-se, indiferentemente como "eu", Anna Lins, Cora Coralina, que também é "ela", Aninha.

Desse modo, em *VdeC*, Cora monta um cenário por onde circula o narrador/personagem, circundado pelo "eu lírico", enquanto uma subjetividade direcionada para seu íntimo, figurado na menina Aninha, sem, contudo, perder a unidade que assinala uma mesma pessoa, numa elaboração posterior de si e que, possivelmente, tenha sofrido influências de várias imposições psíquicas.

A noção de duplo é antiga e se desenvolve nas mais diversas significações, dependendo do contexto de que e de onde se fala, como sugere Otto Rank (1939). Para este autor, o duplo é um desdobramento da imagem de si, distanciada e provida de vida própria. Em *VdeC*, esse distanciamento deixa evidente que tal escrita é feita por um sujeito adulto, amadurecido que, ao

recordar sabidamente, convoca as suas lembranças para ver a si mesmo, enquanto criança, jovem ainda, ou seja, longe das cenas vividas ou testemunhadas.

A presença da personagem Aninha em *VdeC* sinaliza para questões da identidade, portando indagações incessantes e insinuando representações do desdobramento do eu, que é ao mesmo tempo ser pensante e objeto de reflexão, conforme vemos nestes versos do poema "Meu vintém perdido" em que Cora dá voz a Aninha e questiona: "Que procura você, Aninha?/ Que força a fez despedaçar correntes de afetos/ e trazer de volta às pedras lapidares do passado?" (*VdeC*, p. 45).

Nesses questionamentos, percebemos que o afastamento da pessoa adulta Cora Coralina em relação à menina Aninha possibilita que ela indague sobre aquela do passado, e não sobre esta do presente. Protegida pelo seu "duplo", ela revela o que a incomoda e escreve: "Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra/ com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar" (*VdeC*, p.45). Assim, numa tentativa de elaboração desse passado, ela se questiona via a figura da menina Aninha, não diretamente a mulher adulta, Cora, muito embora aquela seja esta no presente. Nesse "jogo de esconde", ela se justifica: "meus vinténs perdidos, tão vivos na memória..." (*VdeC*, p. 45), usando o "vintém perdido" como metáfora, pela pouca escolaridade que teve.

Vista da perspectiva da psicanálise, a questão da identidade é, sobremaneira, um ponto considerável das escritas de si, que se utilizam do duplo, porquanto a abordagem do inconsciente aparece no discurso do outro, como uma imagem refletida no espelho, num processo identificatório, configurado, no sentido da ambivalência, entre o conhecido e o desconhecido.

A imaginação, facetada por uma personagem, possibilita a apreensão do real quando Cora Coralina lança mão do código escrito numa espécie de jogo de falar de si no passado, estando no presente. Nesse sentido, o jogo utilizado através da personagem protege o diálogo consigo mesma, e traz à tona a apreensão, as alegrias e as angústias vivenciadas pela figura de Aninha.

Assim, no imaginário do sujeito, é concebida a ideia de permanência, de prolongamento, cujo poder de integridade é tamanho que se organiza numa

realidade quase palpável. Porém, para essa busca, o sujeito precisa ter consciência do caráter transitório da vida, enfim, da velhice e da morte.

Essa perspectiva nem sempre é fácil de ser admitida e por isso o sujeito, operando entre a pulsão de vida e de morte, cria a ideia de um outro "eu", isto é, um eu que, sendo ao mesmo tempo idêntico e autônomo diante do atual, pode viver independente deste e, desse modo, se manter vivo, perene, mesmo após a morte. Ainda no poema "Meu vintém perdido" Cora demonstra consciência dessa transitoriedade da vida ao escrever:

Quando eu morrer, não morrerei de tudo.

Estarei sempre nas páginas deste livro, criação mais viva
da minha vida interior em parto solitário. (*VdeC*, p.45).

Desse modo, o reconhecimento desse "duplo" em si mesmo deixa de ser um ponto final para ser um novo ponto de partida. Nessa direção, Cora Coralina desenvolve a sua escrita, ora se colocando como Cora, ora como a outra, Aninha, ao mesmo tempo que delinea o valor estético de sua obra, esboçando seu estilo, via palavra escrita.

No título desse livro, a autora estampou o termo "vintém de cobre", expressão recorrente ao longo da sua escrita, reportando-se à moeda¹² em vigor na sua época de menina e que, diante da falta de recursos financeiros que atingiu a família, muito falta lhe fez na sua "infância tão pobre que pedia tão pouco" (*VdeC*, p. 30), um carinho, um *vestido ramado*, uma *boneca de louça*. Assim, ao decidir escrever um livro de memórias, a poeta escolhe o nome dessa moeda, que pouco tinha de valor real, mas muito de valor simbólico para ela, haja vista a variedade de significantes que ela representa na sua escrita:

"Quarenta contos derréis..."

Dinheiro curto, escasso.

Parco. Parcimonioso.

De se guardar.

¹² O valor correspondente ao vintém era o seguinte: 5 - cinco réis; 10 - dez réis; 20 - vintém; 40 - dois vinténs; 100 - tostão...

De um tempo velho.
De gente pobre.
Da minha terra.
Da minha infância.
Vintém de Cobre!... (*VdeC*, p.20).

Nesses versos, Cora dá sinais do quanto representa essa moeda para ela. Enfim, dependendo do momento, o vintém pode simbolizar os caminhos ásperos que percorreu; a pobreza que viveu na infância e adolescência, seja em função da perda do poder aquisitivo da família, seja em função da falta de afetos ou mesmo da falta da escola.

Em *VdeC*, portanto, através da plasticidade dos seus poemas, Cora Coralina apresenta ao leitor suas memórias, o panorama social de seu tempo, a Cidade de Goiás e o seu lugar como poeta “[...] inscrevendo um discurso, que é o feminino, e estabelecendo aí a letra e o literário em consonância com a voz, com a oralidade”(CAMARGO, 2006, p.65), que deságuam para uma criação literária que a consagra ainda em vida. Dessa maneira, esta obra concebe-se numa dupla perspectiva que comunga memória e literatura e assim abre um espaço para uma abordagem dessas duas vertentes.

O reconhecimento formal do que representa *VdeC*, entre outros aspectos, em 1983, concedeu a Cora Coralina tornar-se a primeira mulher a ganhar o Prêmio Juca Pato¹³.

¹³ No ano de 1962, a diretoria da União Brasileira de Escritores, na pessoa do 2º vice-presidente, escritor Marcos Rey, sugeriu que se criasse um prêmio ao melhor livro publicado naquele mesmo ano, e que, no conceito da maioria dos eleitores, fosse significativo para as Letras e a cultura brasileira. A participação seria aberta a escritores da área literária ou não. A votação seria de alcance nacional para que a disputa merecesse ampla divulgação. Seria um concurso anual, premiando a obra do ano anterior, e o autor receberia o título de Intelectual do Ano. Disponível em: < http://www.concursosliterarios.com.br/materias.php?cd_secao=257&codant= >. Acesso em: 29 abr.2011.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. 2006. Tese (doutorado em Estudos Literários)-Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006. Disponível em: <<http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDRENZV/1/TESE+SERGIO+AFONSO.pdf>> . Acesso em: 17 abr. 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cora Coralina de Goiás. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1980. Caderno B, p.7.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2009.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz (Org.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006. p.59-84.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. et al. A personagem do romance; Literatura e personagem; A personagem no teatro. In: _____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998 (Coleção Debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg).
- CHIARA, Ana Cristina. *Pedro Nava, um homem no limiar* . Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. 9 ed. São Paulo: Global, 1976.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 9. ed. São Paulo: Global, 1985.
- CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003
- LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975. LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEJEUNE, Phili LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975. ppe. *O pacto autobiográfico: de Rouseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. *Revista Colóquio Letras*, n. 143/144. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, n. 143/144,. p. 41-62, 1997. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=143&p=41&o=p>> Acesso em: 25 mar. 2011.
- PERPÉTUA, Elzira Divina. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, Maria Inês (Org). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997.
- RANK, Otto. A concepção dualista da alma e o culto aos gêmeos. In: _____. *O duplo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1939. p.133-152.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 277-344. YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *Estórias da velha rapsoda da Casa da Ponte*. Porto Alegre, n. 39, p.195-212, jan./jun. 2006. Disponível em: <

<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista39/art14.pdf> >. Acesso em: 25 nov. 2009.